

DF - Brasília

“AQUI A GENTE NÃO FAZ GRANDES COISAS, MAS PELO MENOS REALIZA VÁRIOS PEQUENOS SONHOS”

Nilza Teixeira, 77 anos, freqüentadora da Igrejinha desde 1960

99

Paulo Carvalho

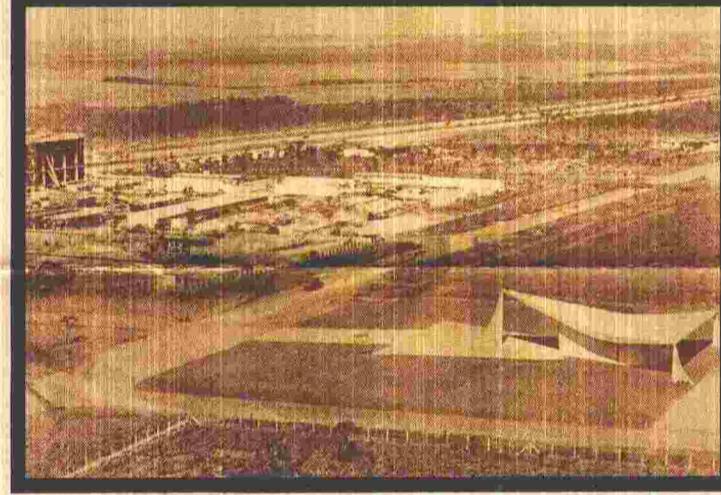
BRAZÍLIA, DOMINGO, 4 DE MAIO DE 2003  
 Editor: Carlos Alexandre // carlos@correio.com.br  
 Subeditores: André Garcia, Sibele Negromonte e Valéria de Velasco  
 fax: 342-1185 e-mail: cidades@correio.com.br  
 Tels. 342-1180 • 342-1181

## CELEBRAÇÃO

Primeiro monumento inaugurado em Brasília, em junho de 1958, Igreja de Nossa de Fátima tem semana de festas para comemorar seu aniversário. Templo é reverenciado por quem o freqüenta

# 45 anos de fé e rezas

Arquivo Público



IGREJINHA PRONTA ANTES DAS QUADRAS: PEDIDO DE SARAH KUBITSCHKEK

CÉSAR HENRIQUE ARRAIS

DA EQUIPE DO CORREIO

**P**ela estrada de terra, os carros das autoridades passavam levantando muita poeira. Centenas de pessoas já estavam a postos, à espera do grande momento. Era a primeira inauguração de uma obra definitiva, em alvenaria, da nova capital do país, ainda em 1958. Antes de todos os prédios e palácios governamentais, Juscelino Kubitschek desceu do carro festejado pela multidão e dom Carlos Carmelo começou a celebrar o culto. No final, o santuário de Nossa Senhora de Fátima — que depois virou apenas Igrejinha — entrou para a história de Brasília.

A conjunção dos traços de Oscar Niemeyer, com o paisagismo de Burle Marx e os azulejos de Athos Bulcão — havia também afrescos de Alfredo Volpi, que foram apagados por ordem de um padre no final dos anos 60 — é um marco tanto do modernismo como do espiritualismo da cidade. “Por ser pequena e estar numa área fundamental, a Igrejinha é como se fosse o coração de Brasília”, exalta do frei capuchinho Venildo Trevisan, que reassumiu o templo há dois meses. Já havia celebrado missas por lá entre 1985 e 1994.

A obra erguida em 100 dias — à pedido da então primeira-dama Sarah Kubitschek como pagamento de graça alcançada junto à santa em favor da frágil saúde de sua filha Márcia — foi inaugurada quase dois anos antes da própria capital. Seu simbolismo na cidade é tamanho que acabou rebatizando a entrequadra 107/108 sul como Rua da Igrejinha. Logo onde o urbanista Lúcio Costa fez de tudo para que nada se parecesse com uma rua convencional.

O aniversário de 45 anos da Igrejinha acontece somente em 12 de

julho. Mas, as comemorações acontecem ao longo desta semana e culminam com a celebração do dia de Nossa Senhora de Fátima, no próximo domingo. Durante esse período, acontece a tradicional quermesse da Igrejinha, realizada desde o início dos anos 80.

### Símbolo

Mesmo com os indefectíveis azulejos azuis mal conservados — uma picheação com a inscrição *Igreja Farsa Capitalista* se destaca entre eles — a Igrejinha continua sendo passagem obrigatória dos que visitam Brasília. Ontem, um grupo de arquitetos de Portugal e Macau, ex-colônia portuguesa na China, estava por lá. “As obras arquitetônicas de Brasília são únicas no mundo. Em que outro lugar encontrarmos uma igreja como essa?”, indaga o macaêns Adalberto Tenreiro.

A obra também é paixão de muitos brasilienses, sobretudo dos que vivem na Unidade de Vizinhança, área formada pelas quadras 107, 108, 307 e 308 Sul. Em outubro de 1960, a então funcionária da Câmara dos Deputados Nilza Teixeira Soares teve de trocar o Rio de Janeiro pela nova capital.

Desde então, está frequentando a Igrejinha e se lembra até de quando os afrescos de Volpi estavam à mostra. Em 1970, começou a se engajar nos projetos sociais e religiosos do templo e, para isso, comprou um apartamento na 308 sul. Hoje, com 77 anos, já viu gerações de católicos se formarem na Igrejinha. Ela mesma, que é solteira, abre sua casa para menores carentes, que além de frequentar a catequese no templo, também são estimulados a estudar e a desenvolver uma vocação profissional. Mais de 300 passaram por sua casa. “Aqui a gente não faz grandes coisas, mas pelo menos realiza vários pequenos sonhos”, conta.